

The book cover features a close-up photograph of a woman's face in the upper half, looking directly at the camera with a serious expression. In the lower half, a young boy is peeking over a horizontal wooden beam that has been painted with blue and white paint. The background is dark, and the overall aesthetic is gritty and intimate.

# 2 LÁPIS, 2 BORRACHAS

Dois contos distintos

Nyamekye Zungo  
& Adalberto Fábio

Título: 2 LÁPIS, 2 BORRACHAS

Autor: Nyamekye Zungo

Co-autor: Adalberto Fábio

Editor: Nyamekye Zungo

Revisão: Nyamekye Zungo | Adalberto Fábio

Ilustração: Freepik | Portal Lunetas

Design de capa: Nyamekye Zungo

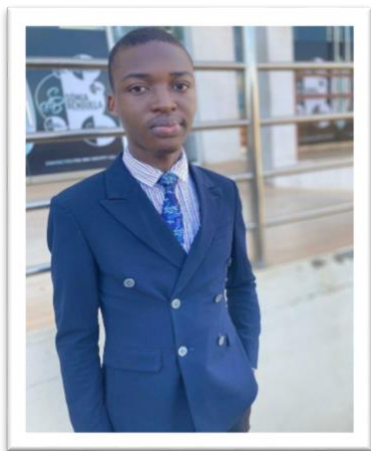
Arte de capa: Canva

Facebook: Nyamekye Zungo | Adalberto Fábio

+244 931 291 668 | 947 116 585

1ª Edição: 2023

Todos os direitos reservados. Você não pode copiar, exibir e nem fazer uso comercial deste opúsculo sem a devida permissão dos autores.



Nyamekye Zungo, pseudónimo literário de Nelson Nianga Mandela Emílio, nasceu no Luena, Moxico, aos 5 de Outubro de 2004, é escritor, bloguista, estudante do curso Técnico de Finanças no Instituto Médio Comercial de Luanda (IMCL), CEO e fundador do portal literário Mwangolé das Letras. Jovem escritor, que começou a escrever em 2019, é aficionado pela leitura e língua portuguesa, escreve contos, literalmente, de literatura africana baseados em ficção e quer seja sobre o quotidiano. É autor das obras: ‘A boca no canudo da cova e ‘Dumba – o grande mistério.’ O contador de histórias e leitor, frisa que “O mundo não precisa de armas, mas só precisa de livros para enfrentar batalhas.”



Adalberto Fábio, nasceu em Cabinda, aos 8 de Outubro 1994, licenciado em Engenharia Informática. É formador de programação, escritor e editor. É autor das seguintes obras: 'Se você pudesse entender', 'Vencedores vencem dores', 'Meu meio irmão' e 'Senhor padre, livrai-me da tentação'. O autor também participou de coletânea de contos GELELA em 2021.

## **Introdução**

2 Lápis, 2 Borrachas é uma expressão idiomática que reflete a junção de dois contos fictícios, um de lição de vida e o outro de horror. Esses contos são escritos por dois contistas supercriativos e talentosos que narram a história distinta de personagens angolanos que vivem suas vidas. No entanto, após as experiências vividas, os autores apagam esses personagens com base em seus actos, como a ambição desmedida e pais cruéis com seus próprios filhos. O objectivo é transmitir uma mensagem surreal à sociedade, abordando o que frequentemente ocorre no mundo, em um contexto onde ninguém sabe quem vai embora ou quem permanece.

Nyamekye Zungo,

Escritor

## **A ambição Fatal de Clara**

Em algures da cidade de Luanda, uma jovem chamada Clara, olhos castanhos, pele da cor dos santos bíblicos, lábios vermelhos e sedutores, uma moça ambiciosa que tinha um único objetivo em mente: acumular riqueza e sucesso material, não importando os meios necessários para alcançá-los. Desde muito cedo, Clara sonhava com uma vida repleta de luxos, glamour e poder, e acreditava que o dinheiro era a chave para realizar seus desejos mais profundos.

Determinada a conquistar sua fortuna, Clara mergulhou de cabeça no mundo dos negócios, trabalhando incansavelmente dia e noite para subir na carreira. Ela era inteligente, perspicaz e não tinha escrúpulos quando se tratava de fechar um bom negócio. A jovem não mediu esforços para alcançar seus objetivos, sacrificando amizades, relacionamentos e até mesmo sua própria saúde em busca do sucesso.

Entretanto, apesar de sua dedicação implacável, Clara não parecia progredir tão rapidamente quanto desejava. Ela estava frustrada e impaciente, cada vez mais obcecada pela ideia de enriquecer a qualquer custo. Em sua busca desesperada, Clara começou a se envolver com práticas obscuras, como a macumba, em busca de uma vantagem sobrenatural.

Clara encontrou um feiticeiro conhecido por sua habilidade em realizar rituais místicos capazes de atrair fortuna e riqueza. Movida pela ganância, ela buscou seus serviços, disposta a fazer qualquer coisa para atingir seus objetivos. O feiticeiro alertou-a sobre as consequências e o preço que ela teria que pagar, mas Clara não se importava. Ela queria dinheiro e estava disposta a correr qualquer risco.

O feiticeiro realizou um ritual sombrio, invocando forças desconhecidas para ajudar Clara a alcançar sua ambição desmedida. A jovem foi submetida a uma série de cerimônias macabras, prometendo sua alma em troca da riqueza que tanto

almejava. Clara estava cega pelo desejo e não se importava com as consequências do pacto que estava fazendo.

Após o ritual, Clara começou a ver seus negócios prosperarem de forma assustadora. Ela acumulou riquezas e poder, tornando-se uma das mulheres mais influentes do mundo dos negócios. No entanto, com a fortuna, veio também uma sensação de vazio e uma maldição que a acompanhou.

À medida que o tempo passava, Clara percebia que sua saúde se deteriorava rapidamente. Ela se tornou uma sombra do que um dia foi, sofrendo de doenças misteriosas e agonizantes. Os médicos não conseguiam diagnosticar sua condição, e ela era incapaz de encontrar alívio em qualquer tratamento.

Enquanto Clara definhou em meio à sua riqueza, ela se viu assombrada por visões sombrias e vozes perturbadoras. Ela entendia agora que havia pago um preço terrível por seu desejo insaciável por



dinheiro. A jovem era constantemente atormentada pela culpa e pelo remorso, mas não havia como reverter o pacto que havia feito.

No auge de seu tormento, Clara foi encontrada morta em sua mansão luxuosa. Seu corpo estava pálido e encolhido, como se toda a vida e vitalidade tivessem sido sugadas dela. Os boatos espalharam-se rapidamente, dizendo que sua morte foi resultado de uma maldição imposta por forças sobrenaturais.

A notícia da morte de Clara chocou o mundo, e seu legado foi marcado por uma aura de tragédia. As pessoas que a conheciam de perto ficaram perturbadas com a transformação que ela sofreu ao longo dos anos. O destino da jovem ambiciosa serviu como um aviso sombrio para aqueles que colocam o dinheiro acima de tudo, mostrando as consequências terríveis que podem acompanhar a ganância desmedida.

Assim, a história de Clara chegou ao fim, deixando um legado de horror e tristeza para aqueles

que a testemunharam. Sua busca incansável por riqueza a levou à sua própria destruição, um lembrete sombrio de que o verdadeiro valor da vida não pode ser medido em dinheiro, mas sim nas relações humanas e na busca por uma felicidade genuína.

**Por: Adalberto Fábio**

## **A Maldita Morte**

A vida é uma maldição de histórias actuadas por bichos. Kizua é o meu nome. Eu era um menino cego, paralítico e amaldiçoado pela pobreza relativa. Não sei se você vai rir, sentir, gostar ou chorar com a amargura da minha história. Certa vez em casa, sentado na minha cadeira de rodas, ouvindo música no rádio na sala de estar, minha mãe, alterada como estava, desligou-o sem o meu consentimento. Claro, eu não conseguia ver nada, era totalmente cego, mas conseguia ouvir seus passos, aquele vai e vem e entra e sai.

Eu morava na região sul da província do Cunene, numa casa alugada em uma rua deserta, no município do Curoca. Lá, na sede da vila de Oncócuá, pelos relatos informativos que ouvia pelo rádio sobre o índice de pobreza multidimensional de Angola, diziam que Cunene era uma das dez províncias mais pobres do país. Nunca estudei em

uma escola, mas constantemente aprendia coisas básicas em casa apenas ouvindo e tentando escrever alguma coisa. Eu era muito solitário, não gostava de sair. Só pegava ar pela janela com a ajuda da minha mãe. Sabia comer e beber água sozinho e sabia me dirigir à sesta e soneca sozinho. Ironicamente, a cegueira e a paralisia muscular bondosamente tomavam conta de mim.

Meu pai nos abandonou desde que minha mãe me deu à luz. Ele simplesmente engravidou minha mãe e fugiu por falta de habilidade para nos assumir e cuidar de nós. Às vezes, há pais doces com suas esposas, mas após o trabalho do motor, a consciência e a falta de capacidade o levam a desaparecer. Depois do abandono dele, minha mãe, ao longo do tempo, começou a ter transtornos psiquiátricos ou depressão, uma tristeza profunda causada pelo histórico familiar da nossa família e por uma doença desconhecida que ela não queria contar a ninguém. Naquele momento, eu tinha

apenas onze anos de idade. Minha mãe trabalhava como doméstica fingindo ser uma pessoa normal.

Deves estar me chamando de mentiroso por saber tudo isso, bem, eu era deficiente físico e visual, mas conseguia ouvir e saber de tudo que se passava naquela casa muito isolada. Como cego, às vezes monologava, ouvia barulhinhos de seres do lado de fora e nada mais e nada menos, conversava com o meu silêncio sentado na cadeira de rodas, que era a única terapia da minha vida. Não nasci deficiente físico, mas a causa de tudo era a minha mãe, completamente depressiva. Se fosse para denunciá-la, não faria isso porque eu a amava e estava muito preocupado com ela.

Chega uma hora em que eu estava novamente na sala ouvindo música pelo rádio. Baixei o volume e ouvi a minha mãe chegando.

— Filho, tudo be, be, be... bem... —  
cumprimentou ela de forma estranha.

— Tudo sim e a mamã? Pareces estranha, o que foi? – perguntei.

— Hum, na, na, na... não... Calma, venho já, Kizua – disse ela gaguejando e triste, logo largou as minhas mãos.

Ela não estava bem. Senti as mãos dela geladas, parecia deprimida. Aguardei por ela alguns minutos e quando regressou, segurou novamente as minhas mãos e disse:

— Kizua, meu filho, posso te contar o pior pecado que cometi contra ti? – perguntou ela soltando várias lágrimas dos olhos.

— Sim, conta. Por que choras? – perguntei meio preocupado, segurando fortemente suas mãos.

— Não pergunta nada, só ouça com atenção, por favor! – pediu a minha mãe.

— Sabes por que és cego?

— Não, por quê?

— Sabes por que és paraplégico?

— Não, por quê?

— Sabes por que sou tão depressiva?

— Mamã, mamã! Não sei, mas por quê?  
Conta-me, eu preciso saber de tudo!

— És cego porque após o teu nascimento, os médicos disseram que nasceste com uma doença causada por mim. Não sei se lembro do nome, mas acho que é retinopatia da prematuridade.

— Como assim? O que é isso, mamã? –  
perguntei.

— A retinopatia da prematuridade é uma doença ocular que afecta bebés prematuros –  
respondeu ela.

— Continua, preciso saber de tudo, por favor, mamã!

— Ok. És paraplégico porque... – deu uma pausa chorando, com pavor e vergonha de contar-me toda a verdade escondida por ela.

— Vá lá, conta, mamã – disse eu, sem saber o que estava por vir.

— ... Porque te envenenei com vários comprimidos na papa quando eras bebé. Juro que já não aguentava mais o abandono do teu pai e da doença que provavelmente vos passei. E já chega. Sou tão depressiva porque sou soro positiva ao vírus HIV. O teu pai não sabia de nada disso, todo esse tempo escondi uma mentira que parece ser uma bomba!

— Mas por que a mamã não contou? E olha o que me fez. Você se sente bem assim? – perguntei todo entristecido com ela.

Logo, ela não respondeu nada. Ouvi seus passos enquanto ela trancava a porta da casa. De repente, ela me obrigou a beber um leite tão amargo que parecia ter veneno.

— Beba, beba! – dizia ela, com tanta determinação nas mãos.



— Não, não, não. Não quero beber, por favor não faça isso comigo. Sou seu filho, mamã! – implorei constantemente, mas ela não aceitou, pois sua depressão aumentou.

Caro leitor, sabes o quê que estava no leite? Era um veneno de rato. Ai, maldita vida, não é? Maldita progenitora, não é?

Antes de começar apresentar sintomas de inconsciência, ainda conseguia ouvir os seus passos, acho que ela pegou uma faca na cozinha e foi ao seu quarto cometer o seu suicídio. Antes dela ter se esfaqueado, ouvia o seu grito:

“Perdão, filho. Eu irei no inferno e tu no céu.”

Após isso, tendo hálito com dor estranha, transpiração abundante, queixo de dor ao engolir ar e queixo de dor abdominal, morri velozmente sentado na minha cadeira de rodas com gotas de lágrimas caindo dos olhos.

A minha mãe me matou... Apagou a força da vela que saiu do seu ventre. Não sabia que os transtornos psiquiátricos dela, poderiam lhe causar pensamentos suicidas e homicidas. A penetração do meu corpo começou de doze a vinte e quatro horas após a minha morte. Em cinco dias morto na cadeira de rodas, as minhas veias descoloridas se tornaram visíveis, em duas semanas, as bactérias do meu intestino digeriam as proteínas e excretavam gases com um forte e insólito odor. Os gases se acumulavam em minha cavidade abdominal produzido um aspecto esverdeado e inchaço do corpo em decomposição. O forte odor atraía moscas varejeiras que depositavam seus ovos e aceleravam a decomposição. Os tecidos moles começavam a liquefazer o rosto se tornando irreconhecível levando ao processo de esqueletização. Ironicamente, fugi daquela casa, não queria se ver daquele jeito, não voei, mas consegui sair daquelas malditas cadeiras de rodas e, felizmente, a minha alma andou até ao céu.

“A terra é um espaço de odores, mas o céu é  
uma casa cheia de aromas.”

**Por: Nyamekye Zungo**